SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

BEBYRY XIKRIN

GESTÃO ESCOLAR NÃO-INDÍGENA NA ESCOLA DE ENSINO BÁSICO DA ALDEIA DJUDJEKÔ DOS POVOS XIKRIN

Marabá-PA
2022

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

BEBYRY XIKRIN

GESTÃO ESCOLAR NÃO-INDÍGENA NA ESCOLA DE ENSINO BÁSICO DA ALDEIA DJUDJEKÔ DOS POVOS XIKRIN

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará UNIFESSPA campus de Marabá com requisito final para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.
Orientadora: Profa. Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa.

Marabá-PA
2022

BEBYRY XIKRIN

GESTÃO ESCOLAR NÃO-INDÍGENA NA ESCOLA DE ENSINO BÁSICO DA ALDEIA DJUDJEKÔ DOS POVOS XIKRIN

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentadoà Faculdade de Ciências da Educação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste doPará, como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. Orientadora: Profa. Ma. Vanja ElizabethSousa Costa

Data de aprovação: Marabá (PA), 16 novembro de 2022

BANCA EXAMINADORA:

Prof.ª Ma. Vanja Elizabeth de Sousa Costa

(Orientadora-FACED/UNIFESSPA)

Prof.ª Dra. Teresinha Pereira Cavalcante

(Membro-Interno/UNIFESSPA)

Prof.ª Dra. Ana Clédina Rodrigues Gomes

(Membro-Externo/UFPA)

Marabá-PA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

X6g Xikrin, Bebyry
Gestão escolar não-indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin / Bebyry Xikrin. — 2022.
49 f. : il. color.

Orientador (a): Vanja Elizabeth Sousa Costa.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2022.

1. Escolas indígenas. 2. Indígenas - Educação. 3. Escolas - Organização e administração. 4. Índios Xikrin - Educação. I. Costa, Vanja Elizabeth Sousa, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 371.829

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB-2/583

DJUNWA BANGRIRE XIKRIN, AKATI IJÃ KAM, AJE I MÃ MYJA KUNI Ã KARÕ ÎJA BA AKATI IJA KAM YRY BÔI NẼ KAM IKÎÎ KUMRẼ.

Dedico este trabalho ao meu pai Bangrire Xikrin, que muito contribuiu na minha caminhada escolar acadêmica.

AGRADECIMENTOS

À Deus, criador onipotente,

A Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará pela conceituada instituição.

A minha orientadora, Profª. Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa pelos ensinamentos compartilhados e paciência durante a realização da pesquisa.

Aos meus Professores que muito contribuíram na formação acadêmica.

A minha família pai, mãe, irmãs que incentivaram nos estudos.

A minha esposa e filhos pela compreensão e carinho.

Aos meus avós pelos incentivos e ajuda.

Aos amigos que apoiaram nos momentos que necessitei, aos caciques que direcionaram atenção na minha jornada estudantil,

A comunidade Djudjekô pelo fortalecimento da cultura e costume indígena.

RESUMO

Como citado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN (1996), a educação escolar indígena deve ser diferenciada e pautada pelo uso das línguas indígenas, pela valorização dos conhecimentos e saberes que lhes foram passados de geração para geração, sendo os próprios povos indígenas que devem atuar como docentes e gestores em suas comunidades. Por esse motivo este estudo objetivou compreender a Gestão Escolar não-Indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin, tendo em vista a falta de uma gestão participativa de indígenas na gestão escolar local. Desta forma buscou também compreender como é desenvolvido o projeto político pedagógico da escola pela gestão escolar não-indígena e ainda como envolvem os indígenas na participação de gestão da aldeia Djudjekô. Para tanto, como metodologia foi realizado levantamento bibliográfico, através do estudo do tema a partir do referencial teórico. Tendo ainda efetivado várias visitas *in lócus* na escola Moikô Xikrin e realizado entrevistas semiestruturadas com o antigo diretor, outra com um professor da escola que ministra a disciplina de História e Geografia e outra com o técnico de apoio Pedagógico da SEMED de Parauapebas/PA. Como resultados foi possível analisar que a gestão escolar na escola Moiko Xikrin sempre teve indígenas envolvidos no auxílio da organização escolar, mas não de uma maneira ativa para articular propostas e atuar ativamente no processo de gestão democrática da escola em questão.

Palavras-chave: Educação Escolar Indígena. Gestão Escolar não-Indígena. Povos Xikrin.

ABSTRACT

As cited in the Law of Directives and Bases for National Education - LDBEN (1996), indigenous school education must be differentiated and based on the use of indigenous languages, valuing the knowledge and wisdom that has been passed down to them from generation to generation, being the indigenous people themselves who must act as teachers and managers in their communities. For this reason, this study aimed to understand the Non-indigenous school management in the basic education school of the Djudjekô village of the Xikrin people, in view of the lack of participatory management of indigenous people in school management. In this way it also sought to understand how the project is developed. The present research has a qualitative type of research and the methodology used was a bibliographic survey of the literature, a survey of the local population, and a study of the educational policy of the school by the non-indigenous school management. The present research has the qualitative research type, and a bibliographic survey was carried out as methodology, Through the study of the theme from theoretical references such as Libâneo (2001; 2015) and Licinio (2001), as the main authors who guided and brought essential elements to the research. Having also made several in locus visits to the Moikô Xikrin school and Semi-structured interviews were conducted with the former director, a teacher of the school who teaches History and Geography, and another with the pedagogical support technician of SEMED of Parauapebas/PA. As a result, it was possible to analyze that the management. School at the Moiko Xikrin school has always had indigenous people involved in helping organize the school, but not in an active way to articulate proposals and actively act in the process of democratic management of the school in question.

Keywords: Indigenous School Education. Non-Indigenous School Management. Xikrin peoples.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10

2. A GESTÃO ESCOLAR: QUESTÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS 15

2.1. Gestão Escolar Intercultural 18

3. OS POVOS XIKRIN E A EDUCAÇÃO ESCOLAR NA ESCOLA MOIKÔ . 21

3.1. Histórico dos Povos Xikrin 21

3.2. A Educação Indígena Xikrin e Educação Escolar Xikrin..... 23

3.3. A Estrutura Escolar e de Gestão Xikrin..... 25

4.O PERCURSO DA PESQUISA DE CAMPO.....28

3.1. Os Instrumento da Pesquisa 28

3.2. Dados das Entrevistas: Resultados e Discussões..... 29

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 40

REFERÊNCIAS..... 42

APÊNDICE A – Roteiros de entrevistas..... 42

APÊNDICE B – Termos de Consentimento.....51

1. INTRODUÇÃO

Iniciamos este trabalho abordando sobre a escola como organização social, tendo em vista que a escola como uma organização de trabalho escolar, não é algo novo. No entanto, há pesquisas que abordam a administração escolar, das quais remontam aos pioneiros da educação nova, há mais de 25 anos, esses estudos se deram no âmbito da Administração Escolar e, frequentemente, estiveram marcados por uma concepção burocrática, funcionalista, aproximando a organização escolar da organização empresarial (LIBÂNEO, 2001).

Também queremos discutir a escola como organização na perspectiva dos povos indígenas conforme o artigo 232 da Constituição Federal (1988), que determina o reconhecimento dos povos indígenas em sua organização social, como também sobre nossos costumes, línguas, crenças e tradições. Esse reconhecimento implica que há exatamente 33 anos se adquiriu legalmente o direito de nos organizarmos em nossas comunidades, conforme nossos hábitos e crenças.

Outra questão importante nessa consideração legal está no reconhecimento das terras que tradicionalmente nós os povos originários sempre ocupamos, é que são necessárias à nossa sobrevivência cultural e física competindo à União demarcá-las, protegê-las e fazer respeitar todos os nossos bens, como segue exposto no art. 232, o qual diz que nós indígenas e nossas comunidades e organizações somos partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de nossos direitos e interesses, caso esse sejam ameaçados.

A Constituição de 1988, foi tornado seguro legalmente aos povos indígenas no Brasil o direito de permanecerem indígenas, sendo eles mesmos com suas línguas, culturas e tradições. Ao reconhecer que os povos indígenas poderiam utilizar as suas línguas maternas e os seus processos de aprendizagem na educação escolar, atenua-se a possibilidade de a escola indígena contribuir para o processo de afirmação étnica e cultural desses povos e ser um dos principais veículos de integração com a Constituição de 1988.

Temos em vista acima que os direitos que são excepcionais aos indígenas a educação são primordiais, nela se implementa uma organização que prioriza todas as relações sociais e culturais da comunidade.

Citamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) quando aborda sobre leis que asseguram a educação como uma base para o desenvolvimento humano. Conforme seu artigo 1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem

na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Vemos assim no parágrafo 1º que a LDBEN (1996) disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias, devendo ainda no parágrafo 2º vincular-se ao mundo do trabalho e **à prática social (grifo nosso).**

A LDBEN (1996), em seus primeiros parágrafos aborda o direito da sociedade em geral, tendo em vista que, a educação indígena deve ser diferenciada e pautada pelo uso das línguas indígenas, pela valorização dos conhecimentos e saberes que lhes foram passados de geração para geração da comunidade e pela formação dos próprios indígenas para atuarem como docentes em suas comunidades.

Nesse sentido, o artigo 78 da LDBEN (1996), aborda as diretrizes para essa assistência educacional, conforme abaixo:

> **Art. 78.** O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:
>
> **I** - Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;
>
> **II** - Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Como vemos o artigo 78 aborda o dever de o Estado em oferecer uma educação escolar bilíngue e intercultural para os povos indígenas que venha fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena e proporcione a oportunidade de recuperar suas memórias históricas e reafirmação das suas identidades, dando-lhes, também, acesso aos conhecimentos técnico-científicos da sociedade nacional.

Para que isso possa ocorrer, a referida lei determina a articulação dos sistemas de ensino para a elaboração de programas integrados de ensino e pesquisa, que contem com a participação das comunidades indígenas em sua formulação e tenham como objetivo desenvolver currículos específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades. A LDBEN (1996), ainda prevê a formação

de pessoal especializado para atuar nessa área e a elaboração e publicação de materiais didáticos específicos e diferenciados para os povos indígenas.

Com relação a escola e a uma gestão participativa para todos, destacamos que a escola é uma unidade básica do sistema escolar que é como ponto de encontro entre as políticas e as diretrizes do Sistema (LIBÂNEO, 2001).

Libâneo (2001) aborda que a função da gestão escolar corresponde à uma necessidade de a instituição escolar dispor de condições e meios para realização de objetivos que são específicos para ela, tais como: prover as condições, os meios e todos os recursos necessários para o ótimo funcionamento da escola e do trabalho em sala de aula, como também promover o envolvimento das pessoas no trabalho, por meio da participação, devendo haver a avaliação e o acompanhamento dessa participação e a garantia da realização da aprendizagem para todos os alunos.

Libâneo (2001) ainda destaca que a escola é uma organização em que tanto os seus objetivos e resultados quanto seus processos e meios são relacionados com a formação humana, ganhando relevância, portanto, o fortalecimento das relações sociais, culturais e efetivas que nela tem lugar, conforme esclarece abaixo:

> É sempre útil distinguir, no estudo desta questão, um enfoque científico-racional e um enfoque crítico, de cunho sociopolítico. Não é difícil aos futuros professores fazerem distinção entre essas duas concepções de organização e gestão da escola. No primeiro enfoque, a organização escolar é tomada como uma realidade objetiva, neutra, técnica, que funciona racionalmente; portanto, pode ser planejada, organizada e controlada, de modo a alcançar maiores índices de eficácia e eficiência. As escolas que operam nesse modelo dão muito peso à estrutura organizacional: organograma de cargos e funções, hierarquia de funções, normas e regulamentos, centralização das decisões, baixo grau de participação das pessoas que trabalham na organização, planos de ação feitos de cima para baixo. Este é o modelo mais comum de funcionamento da organização escolar (LIBÂNEO, 2001, p. 01).

Nesse sentido é importante destacar que as instituições escolares por prevalecer nelas o elemento humano, precisam ser democraticamente administradas, de modo que todos os seus integrantes canalizem esforços para a realização de objetivos educacionais, acentuando se a necessidade da gestão participativa e da gestão da participação (LIBÂNEO, 2001).

Levando em consideração as abordagens de Libâneo (2001), e acreditando na necessidade de uma gestão participativa é que nosso trabalho aborda a gestão escolar não-indígena na escola de ensino básico da aldeia Djdjêko dos povos Xikrin.

Vamos situar um pouco o contexto do nosso território. A Aldeia Djdjêkô (figura 1) reúne atualmente uma população de 300 indígenas, segundo o último censo, realizado

em 2020 pela Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI e Fundação Nacional do Índio – FUNAI, no entanto os povos Xikrin reúnem mais 2.000 indígenas, em suas 14 aldeias espalhadas pelo sudeste paraense. A aldeia Djdjêko faz parte da extensão territorial do município de Parauapebas/PA., mas as terras Indígenas Xikrin foram homologadas em 1991, obtendo atualmente, 439 mil hectares, pertencentes as áreas municipais dos municípios de Água Azul do Norte, Marabá e Parauapebas, todos situados no sudeste paraense.

Abaixo mapa com a localização das aldeias Xikrin:

Figura 1 - Localização das aldeias xikrin no sudeste do Pará

Fonte: Vale S.A (2021)

Quando abordamos sobre a organização escolar, entendemos que esta constitui uma unidade social sujeita a um processo de construção histórica, plena de significado. Nesse sentido, apresentamos o objeto do nosso estudo, que é a gestão não-indígena da escola municipal de ensino básico Moikô Xikrin, nela se encontram turmas de alunos desde a alfabetização (educação infantil) ao 9º ano do ensino fundamental, na qual tem matriculado nesse ano de 2022, 146 alunos, e atualmente recebe alunos da aldeia Cateté[1].

A escola é uma das poucas que contém a estrutura física para dá andamento as aulas e é uma escola da rede de ensino municipal ligada a prefeitura da cidade de Parauapebas/PA.[2]

A composição da estrutura escolar atualmente é formada por: 1 diretor indígena, 1 coordenador indígena, e 16 professores, sendo 10 professores não indígenas e 6 intérpretes indígenas que atuam como os tradutores das aulas que os professores não indígenas ministram.

Metodologicamente foi realizado um levantamento bibliográfico, através do estudo do tema a partir do referencial teórico. Tendo ainda efetivado várias visitas na escola Moikô Xikrin e realizado entrevistas semiestruturadas como procedimento para coleta de dados. As entrevistas foram realizadas com o antigo diretor, outra com um professor da escola que ministra as disciplinas de história e geografia e outra com o técnico de apoio pedagógico da SEMED de Parauapebas/PA. A intenção dessas entrevistas foi de responder nossos objetivos e a questão-problematizadora que foi analisar por que a gestão escolar na escola Moikô da aldeia Djdjêkô tem sido conduzida na maioria das vezes por professores não-indígenas.

O trabalho se encontra dividido em 3 capítulos, onde no segundo abordamos questões teóricas e conceituais sobre a gestão escolar a partir da visão de autores que discutem a temática, como Libâneo (2001) e Licínio (2001). O terceiro capítulo aborda a gestão escolar da escola Moikô Xikrin, fazendo uma caracterização da escola e analisando sua gestão. O quarto capítulo apresenta os dados das entrevistas semiestruturadas, e em seguida uma caracterização e discussão de como tem sido a gestão escolar não indígena e como deve ser uma gestão escolar com a participação de indígenas.

---

[1] A aldeia cateté passa por uma problemática concernente a falta de professores e falta de uma estrutura escolar como salas de aulas para abarcar todos os alunos que do ensino fundamental, por isso esses alunos foram realocados para a escola Moikô.

[2] Até o ano de 2020 a 2021 o diretor era professor não-indígena.

2. A GESTÃO ESCOLAR: QUESTÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Nesse capítulo nos valemos das ideias de estudiosos que pesquisam a gestão e a organização das escolas e apresentamos algumas questões teóricas sobre o conceito de gestão escolar que corroboramos com os autores que apresentamos. Em seguida abordamos a questão da gestão escolar intercultural, por ela está assentada no princípio pedagógico do acolhimento da diversidade e sendo nosso objeto de estudo a gestão não-indígena da escola municipal de ensino básico Moikô Xikrin para nós essa discussão se fez pertinente.

A gestão escolar tem se concebido na atualidade como elemento importante para os processos de democratização e de alcance da qualidade da educação pública no Brasil. Isso acontece porque a gestão vai além do conceito de gerenciamento, e é por nós compreendida como concepção e prática de um processo coletivo que está entremeado pelos princípios de democracia e de participação, que está voltado para a garantia do direito de aprender, capaz de promover a emancipação humana e social.

Tem-se em vista que o conceito de gestão e logo, posteriormente, o de organização escolar é dia a dia materializado pela equipe gestora no exercício profissional e tem como foco a tomada de decisões sobre os diversos aspectos da rotina escolar, tais como, o planejamento, o currículo, a avaliação, o calendário, o horário escolar, reuniões, colegiado, documentação, entre outros.

Libâneo (2012) afirma que gestão é uma atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para se atingir os objetivos da organização, envolvendo, basicamente, os aspectos gerenciais e técnico-administrativos. Nesse sentido, que essa tarefa não pode ser centralizada apenas na figura do gestor da escola, mas por um conjunto de pessoas integradas e processos de trabalho na construção de um ambiente educativo.

Libâneo (2012), diz que a gestão escolar é uma função que articula as ações desenvolvidas no ambiente educacional, cuja responsabilidade alcança as dimensões necessárias para criar condições adequadas de trabalho onde haja respeito e confiança, definindo e distribuindo tarefas, revendo e avaliando resultados, assegurando condições para o alcance dos objetivos estabelecidos coletivamente e oriundos do Projeto Curricular Pedagógico da escola.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) deve haver uma articulação à gestão escolar a coordenação de atividades pedagógicas voltadas propriamente para a elevação dos índices educacionais que envolvem a preparação em

âmbito integral dos alunos e que têm por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Quando se aborda a temática da gestão, também se aborda a temática da organização da escola, essas são práticas educativas, ou seja, não se educa e ensina os alunos apenas na sala de aula, também as formas de organização e gestão educam, o contexto institucional educa, o ambiente educa (Libâneo, 2015). Por isso o autor salienta que "é muito comum entre os profissionais da educação escolar o entendimento de que assuntos de organização, administração, gestão, são de responsabilidade apenas da direção e da coordenação pedagógica" (p. 2).

Nesse sentido, o contexto institucional e sociocultural e o ambiente social existente na escola educam, significa dizer que os modos de funcionamento da escola partem de práticas educativas, eles educam e ensinam, trazem aprendizagens, produzem mudanças no modo pensar e agir das pessoas.

Isso pode ser comprovado desde a concepção de gestão que vigora na escola, a estrutura de gestão, o processo de tomada de decisões, as formas de relacionamento entre as pessoas, até o modo como funcionam a entrada das crianças na sala de aula, o relacionamento do pessoal administrativo com os alunos, o relacionamento entre as professoras, a distribuição da merenda, a higiene dos banheiros, a limpeza, etc.

Em resumo, Libâneo (2015, p. 2) destaca que essas práticas apresentadas acima, carregam um forte sentido que é educativo e de aprendizagem, pois uma:

> a) escola precisa ser mais bem organizada, melhor administrada, melhor gerida, em função da melhor qualidade da aprendizagem dos alunos. Ou seja, toda escola precisa ser bem-organizada para que os alunos aprendam melhor e formem convicções no seu modo de pensar e agir. b) As formas de organização e de gestão são práticas educativas, elas educam e ensinam. O ambiente escolar, o que se faz e o que se diz na escola, influenciam poderosamente os processos de aprendizagem dos alunos e professores. c) Desse modo, pelo bem ou pelo mal, as pessoas aprendem com as organizações.

Mas é possível transformar as práticas de organização e de gestão modificando o comportamento dos profissionais e, desse modo, as organizações podem aprender com as pessoas e isso implica um processo de ensino-aprendizagem no âmbito das formas de organização da escola.

Portanto, a escola é, também, um lugar de aprender a profissão docente de modo a que todos contribuam no aprimoramento das práticas de organização e gestão, levando a melhorar a aprendizagem dos alunos, ou seja, a gestão da escola não é um problema apenas do diretor, do coordenador pedagógico, mas de todos os que trabalham na escola, todos têm a ver com a gestão. Nesse sentido, a escola é o melhor lugar de formação continuada, visando ao desenvolvimento pessoal de gestores e professores (LIBÂNEO, 2015, p. 2)

Assim é possível entender que, na gestão escolar, o primeiro sentido de gestão da escola se liga à ideia de que a escola, enquanto instituição, é uma unidade social em que pessoas trabalham juntas, ou seja, lugar de interação, lugar de relações, que permite alcançar determinados objetivos e, como primordial, promover o ensino-aprendizagem dos alunos.

Enfim, o que os escritos de Libâneo (2012, 2015) abrangem é que essa atividade conjunta precisa ser estruturada, organizada e gerida. Ou seja, tanto a organização e a gestão da escola dizem respeito à estrutura de funcionamento, às formas de coordenação e gestão do trabalho, ao provimento e utilização dos recursos materiais e financeiros, aos procedimentos administrativos, às formas de relacionamento entre as pessoas.

Na organização da escola, é preciso que ela tenha uma estrutura administrativa e prover as condições para que objetivos possam sejam realizados. Para que haja essa organização, o autor nos adverte que são necessárias várias ações: planejar, organizar, dirigir/coordenar, acompanhar/controlar/avaliar.

Entendemos quando o autor diz que a gestão escolar tem mais a ver como uma atividade que integra os elementos da organização, mas que pode ser diferenciada para realçar os aspectos gerenciais e técnico-administrativos. Se refere, especificamente, à coordenação do trabalho das pessoas para que as coisas funcionem, pois são as pessoas que fazem as coisas funcionarem (LIBÂNEO, 2015).

> A gestão refere-se aos meios pelos quais se faz a coordenação de pessoas, a distribuição de tarefas, o processo de tomada de decisões, as condições e modos pelos quais as decisões são postas em prática, visando atingir os objetivos. Postos os objetivos, apontada a direção das ações da equipe de trabalho, trata-se de coordenar o trabalho das pessoas para que as coisas aconteçam como devem acontecer, conforme o planejado e de acordo com objetivos. Como se sabe, há vários tipos de gestão: centralizada, autoritária, democrática, colegiada, participativa. A escolha dessas formas de gestão depende muito dos objetivos da instituição e de como se concebe a participação ou não das pessoas nas decisões e na realização do trabalho (LIBÂNEO, 2015, p. 5).

Citamos agora algumas questões teóricas de Paro (2001), autor que apoiamos as ideias durante o estudo. Ele diz que a gestão pedagógica deve ser compreendida como a liberdade que a escola tem para escolher os conteúdos e os métodos de ensino, sem a qual fica comprometido o caráter pedagógico das práticas escolares.

Afirma ainda que a forma mais concreta para compreender a importância da gestão pedagógica na escola diz respeito à autonomia que ela tem para a elaboração e implementação do seu Projeto Político Pedagógico, no qual a participação da comunidade escolar se configura como importante passo para a democratização dos processos decisórios da escola, por meio do compartilhamento de ideias e ações.

Assim, através do estudo dos autores citados aqui, compreendemos que nas escolas das comunidades indígenas esses princípios da autonomia e participação é fundamental na gestão das escolas. O Projeto Político Pedagógico precisa ser um retrato da nossa cultura e dos nossos anseios de aprendizagens, sendo primordial a gestão escolar das nossas escolas indígenas tenha um caráter intercultural.

2.1. Gestão Escolar Intercultural

Quando abordamos a questão da gestão escolar intercultural, se aborda a questão da educação que se projeta num currículo intercultural, que está assentada no princípio pedagógico mais amplo: o acolhimento da diversidade, do reconhecimento dos outros como sujeitos de sua individualidade, portadores de uma identidade cultural própria (LIBÂNEO, 2004).

No entanto, neste momento, acreditamos que seja válido discutir mesmo que brevemente os conceitos de diversidade, interculturalidade, pluralidades e diferenças a partir de alguns teóricos buscando entender mais do que se trata e vislumbrando a possibilidade de eles podem ter se aplicados na gestão de uma escola indígena, uma gestão intercultural.

Kunrath (2021) destaca, a princípio, que as sociedades contemporâneas são constituídas pela diversidade de identidades, etnias, grupos, crenças e expressões culturais, que se manifestam sob diversas concepções de vida e de mundo nos mais diferentes espaços socioculturais, que inclui o cotidiano escolar, por intermédio de uma multiplicidade de sentidos, significados, princípios e valores. No entanto, historicamente, a convivência com os diferentes e as diferenças se institui em um processo complexo e desafiador.

Nesse sentido, é importante salientar que os espaços formais de ensino, tais como as escolas e as universidades, possuem a função social de colaborar para o acolhimento e reconhecimento das alteridades, estabelecendo a convivência intercultural e a desnaturalização de estereótipos, preconceitos e intolerâncias (SANTOS, 1999).

Santos (1999), afirma que o reconhecimento das diferenças requer que os processos educativos se ancorem em outros paradigmas epistemológicos, que melhor possibilitem distinguir as diferenças no contexto social de desigualdade e de exclusões no qual coexistem.

Diante disso, espaços formais de ensino, tais como as escolas e as universidades, possuem a função social de colaborar para o acolhimento e reconhecimento das alteridades, na qual fomentem a convivência intercultural e a desnaturalização de estereótipos, preconceitos e intolerâncias (SANTOS, 1999).

Também compartilhamos das ideias de Candau (2009), quando diz que o desafio é transformar as diferenças em vantagem pedagógica, na perspectiva da elaboração das práticas quanto do exercício dos direitos sociais, se está tratando de chamar os sistemas formais de ensino a criarem espaços, ações e atividades que promovam a superação da exclusão e da injustiça, o que implica, necessariamente, em uma mudança tanto estrutural como cultural destas instituições, para que melhor apoiem todos os estudantes, sejam quais forem as suas identidades.

Outro estudioso que vem na mesma forma de abordagem ao tratar a diversidade de identidades, etnias, grupos, crenças e expressões culturais é Sacristán (1995, p. 86), o qual destaca que "ou se modifica a forma de entender e praticar a cultura dominante no ensino ou a integração de outras culturas não dominantes será muito difícil, senão impossível".

Kayapo & Brito (2014) como uma das referências ao que tange a pluralidade intercultural aborda que a escola, deve exercer um outro olhar que pode ser entendido e guiado por outros princípios: através de outra ética e de uma outra lógica, e essa lógica é "compreendermos que a nação brasileira não é uma unidade homogênea, e sim uma unidade atravessada pela diversidade de identidades, línguas e diferentes formas de organização sociocultural" (p. 18).

Quanto a discussão da interculturalidade, temos que:

> A interculturalidade, como movimento político-epistemológico, emergiu no contexto latino-americano ao final da década de 70 e, paulatinamente, vem sendo utilizada em diversos âmbitos sociais, passando a ocupar lugar central nas propostas de superação de processos de exclusão e desigualdade a que muitos sujeitos/grupos foram

> submetidos em decorrência tanto do colonialismo quanto do capitalismo neoliberal. Desde então, a interculturalidade tem fundamentado um conjunto de propostas que objetivam fomentar "o potencial criativo e vital resultante das relações entre diferentes agentes e seus respectivos contextos" (FLEURI, 2005, p. 93).

Fornet-Betancourt (2015), nos expõe que "A interculturalidade tem lugar quando duas ou mais culturas entram em interação de uma forma horizontal e sinérgica. Para tal nenhum dos grupos deve se encontrar acima de qualquer outro que seja" (, p. 29).

Por isso apontamos que a escola é desafiada dia a dia a desconstruir práticas homogeneizadoras que não reconhecem as diferenças, para a construção de experiências pedagógicas a partir de paradigmas educacionais "outros", mobilizando as comunidades educativas na construção de projetos político-pedagógicos relevantes para cada contexto.

Nesse contexto é que nossas escolas indígenas devem ser impelidas a desconstruir as práticas que não reconhecem as diferenças, nesse caso em estudo principalmente as práticas de gestão escolar, para construir experiências pedagógicas a partir de exemplos educacionais que mobilizem nossas comunidades na construção de projetos político-pedagógicos relevantes para cada situação que necessitarmos.

Para nós é essencial que isso aconteça nas escolas das comunidades indígenas, pois nosso contexto cultural e nossas tradições precisam ser respeitadas e protegidas para os mais jovens principalmente.

3. OS POVOS XIKRIN E A EDUCAÇÃO ESCOLAR NA ESCOLA MOIKÔ

A seguir, antes de apresentarmos a educação escolar na escola Moikô, vamos situar um breve histórico dos povos Xikrins, apresentando um pouco nossas origens no território onde vivemos atualmente.

3.1. Histórico dos Povos Xikrin

Os Xikrins são do grupo étnico conhecido como Kayapó, nos autodenominamos Mebengokré **(**gente do buraco d'água ou gente da água grande[3]), reconhecendo os Kayapós como "parentes" (DOMINGUES LOPES, 2002, p. 34). Nossa língua é identificada como a Jê do tronco linguístico Macro-Jê.

Além de alguns dos Xikrins localizados nas margens do rio Cateté e Itacaiúnas, temos os que estão localizados às margens do rio Bacajá, um dos afluentes do rio Xingu. Segundo o site Povos Indígenas do Brasil a ocupação territorial dos Xikrins se deu por um longo processo de cisões desde o século XVIII.

> Após sua cisão do grupo ancestral Apinayé, ocorrida aproximadamente no começo do século XVIII e após ter atravessado o rio Araguaia, os Kayapó cindiram-se no final daquele século. O grupo original permaneceu ocupando a região do Pau d´Arco, afluente do Araguaia e o grupo denominado Pore-kru, ancestral dos atuais Xikrin, rumou em direção ao norte, para a região do rio Parauapebas e Itacaiúnas. Mais tarde, esse grupo cindiu-se em dois: os Kokorekré que ficaram na região do rio Parauapebas e os Put-Karôt, que se deslocaram para a região do rio Cateté, no Alto Itacaiúnas [...] foram vitimados por doenças, além de sofrer por volta de 1910, uma pesada matança por parte de uma expedição punitiva de regionais. Com a exploração da borracha, as relações dos Put-Karôt com os regionais deterioraram-se e os índios retiraram-se do Cateté para as cabeceiras do Itacaiúnas. Foi nesta aldeia que um grupo debilitado do Kokorekré se juntou aos Put-Karôt. Por volta de 1926, com medo dos Kayapó-Gorotire, com quem tiveram um longo período de hostilidade, eles migraram para o norte e se instalaram na região do rio Bacajá. Pouco depois, entre 1930 e 1940, um grupo que não se agradara com o lugar, separou-se e voltou para o rio Cateté[4].

---

[3] https://pib.socioambiental.org/pt/povo/xikrin-mebengokre/1630 acessado em 23 de julho de 2022.

[4] https://pib.socioambiental.org/pt/povo/xikrin-mebengokre/1637. O Instituto Socioambiental atuou nas mais diversas aldeias, inclusive na década de 1990, como veremos, nas comunidades do Cateté. Acessado em 15 junho de 2017.

A primeira ação de declaração para demarcação data do dia 16 de março de 1977[5], no entanto sua demarcação de fato foi efetuada em 1991[6]. Sabe-se que em 1967 a região foi descoberta como uma potência da mineração do ferro, desde então várias áreas ao redor foram exploradas, por sua grande riqueza mineral, não se resumindo só ao ferro, mas como ouro, cobre, bauxita, caulim, manganês, dentre outros. Por isso era bem provável que uma hora ou outra empresas de exploração mineral iria querer se instalar no sudeste paraense.

Mas só em 1981 é que a Companhia Vale do Rio Doce (CRVD) implanta o seu projeto de exploração mineral (Ferro Carajás) tendo exclusividade para exploração[7], daí por diante a comunidades do Cateté teriam "vizinhos" permanentes nas proximidades de suas terras, o que causou (e ainda causa) bastantes conflitos entre a empresa e os Xikrins.

Silva (2015) destaca que até o ano de 2000, os Xikrin do Bacajá viviam em duas aldeias, Bacajá e Trincheira. A partir daquele ano, começaram as cisões no grupo, que resultou na fundação de outras aldeias. Atualmente, vivem em oito aldeias: Pykaikà, Krajn, Kamokti-Kô, Potikrô, Kenkudjôi, Ptakô, Bacajá e Mrotidjãm, todas estabelecidas às margens e ao longo do rio Bacajá, um dos afluentes do rio Xingu. No que tange a Terra Indígena Cateté incide na zona rural do município de Parauapebas, sudeste do estado do Pará.

Entre os anos de 1964 e 1990, viviam numa só aldeia (cf. GORDON 2006, p. 105). Vivem atualmente em três aldeias: Cateté, Djudjêkô e Ô'odjãm, à margem esquerda do rio Cateté, tributário do Itacaiúnas, afluente médio do rio Tocantins. A aldeia Cateté ou Pykatingrà é a maior e mais antiga. Nela vivem aproximadamente 727 habitantes. Concernente a aldeia Djudjekô, com aproximadamente 465 habitantes, fica a 18 km da aldeia Cateté. Por fim, a aldeia Ô'ôdjà conta com uma população estimada em 119 indivíduos, segundo o último Censo (2010).

Muito embora nós, os Xikrin do Cateté vivamos em três aldeias distintas e possuamos organização política própria, caciques e lideranças, mesmo assim, nos identificamos como um único povo.

---

[5] Idem.

[6] Ibidem, ver também o decreto n° 384 de 24/12/1991.

[7] VILLA VERDE, Rodrigo Braga da Rocha Povos indígenas de carajás: conflito que vale ouro e sangue no município de Parauapebas (PA). Projeto AQUARIOS-CETEM disponível em: file:///E:/bibliografia/POVOS%20IND%C3%8DGENAS%20DE%20CARAJ%C3%81S%20CONFLITO%20QUE%20VALE%20OURO%20E%20SANGUE.pdf, acessado em 17 de julho de 2017.

3.2. A Educação Indígena Xikrin e Educação Escolar Xikrin

É de extrema importância a abordagem sobre a educação indígena, como já é fato conhecido, é um processo por meio do qual os membros mais velhos da comunidade repassam aos seus membros mais jovens e toda a comunidade internaliza seu próprio modo de ser, sua cosmovisão, garantindo que sua cultura seja fortalecida com as novas gerações independentemente de agentes externos como a escola e os meios de comunicação da sociedade que os cerca. Na perspectiva da educação Xikrin, apreende-se o conhecimento de oitiva e na vivência (SILVA, 2015).

No que tange aos costumes da nossa cultura é de tradição, aprendermos a fazer uma flecha, um arco, uma borduna, pelo processo de observação e depois pelo brincar de confeccionar tais produtos sem, contudo, ter-se a obrigação de fazê-lo perfeito.

Silva (2015) destaca bem na análise em relação a esses costumes que não há pressão sob pena de alguma sanção como é o caso da educação escolar, que a cada atividade feita pelo aluno, lhe é imputado uma nota, um conceito, rotulando-o numa escala que em um dos polos há o aluno "excelente/nota 10" e em outro o aluno "insuficiente, rude, com dificuldade intelectual ou cognitiva" (p. 22).

- A Educação Indígena Xikrin

A educação escolar indígena é o espaço de aquisição e aprendizagens do conhecimento dos mais velhos, pois a educação entre os Xikrin assim se dá: os pais, tios, avós transmitem às crianças seus valores socioculturais e políticos ao longo de anos, seja em casa, seja na frente de casa à noitinha, próximo a uma fogueira, seja no Ngà[i], durante reuniões formais, seja em expedições para coleta, pesca e caça.

A tarefa dos aprendizes é observar, prestar atenção, e depois "treinar" por meio de brincadeiras relacionadas à alguma atividade que viram algum parente fazendo. Este fato pode ser corroborado com o depoimento do professor Katop-Ti Xikrin sobre as tarefas ou atividades das crianças na sociedade Xikrin do Cateté:

> Em outubro de 2014 na própria aldeia quando estivemos lá ministrando oficina de fonética e fonologia com vistas à elaboração do sistema de escrita Xikrín:

> “...mẽpɾĩɾe ɲhõ kukɾydjà mẽpɾĩɾe ɾũm amĩ kɾa ‘ôk mã kaɾõ mẽbôktiɾe djwyi na mẽ pɾĩ ɾũm na mẽ kadjy amĩ mã kaɾõ.. Kra kadjy amĩ mã bà kãm tẽ mã kaɾõ”.
>
> O conhecimento das crianças é desde a infância delas; o exercício da mulher é pintura corporal, e os homens também têm atividade de caça coletiva.

- A Educação Escolar Xikrin

No que concerne à educação escolar entre os Xikrin, o primeiro segmento do ensino fundamental (1º ao 5º ano) foi implantado na aldeia nos anos de 1980, então sob a responsabilidade da Fundação Nacional do Índio - FUNAI, já o ensino do 5º ao 9º ano só foi implantado em 2004 na aldeia Cateté. Atualmente, em todas as três aldeias há escolas funcionando do 1º ao 9º ano, sob responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação do município de Parauapebas/PA.

Silva (2015) levanta uma crítica acerca das escolas e rebate que nos discursos oficiais, as escolas indígenas são bilíngues e desenvolvem práticas de ensino e aprendizagem diferenciadas e específicas. Entretanto, basta uma ida a uma aldeia e uma visita a qualquer uma das turmas em aula que se constata a lamentável situação diglóssica da língua portuguesa em detrimento da língua materna e total invisibilização da língua materna no espaço escolar, exceto, é óbvio, pelos professores indígenas.

É importante fazer a colocação de que todos nós Xikrin, sem exceção somos levados a aprender nossa língua materna desde bebês, mas o que ocorre com relação a educação escolar indígena é a inserção do ensino escolar *kubên*, ou seja, o ensino das pessoas brancas que vem se alongando por muitos e muitos anos. Silva (2015) coloca isso muito bem, e aborda quais as principais problemáticas que ocorrem em uma educação que não é voltada para os povos indígenas, e isso é consequentemente relacionado com a gestão escolar.

O autor diz:

> [...] que se observa, nas escolas das aldeias Xikrín do Cateté, são professores alfabetizando “incrivelmente” as crianças em língua portuguesa, língua da qual aquelas crianças sequer falam duas ou três palavras. Como resultado dessa prática que vai na contramão do que se espera da educação escolar indígena, há o desinteresse, a evasão escolar, que são perfeitamente justificáveis e esperados diante de uma visão tão equivocada de ensino e aprendizagem em contextos bilíngues (SILVA, 2015, p. 23).

O que expõe Silva (2015) é que os professores indígenas, preocupados com o papel e a real função da escola nas aldeias, têm questionado esse modelo de educação e demandado da Secretaria Municipal de Educação um modelo de educação escolar indígena que ajude a aquisição de conhecimentos, e da língua portuguesa, porém sem

atrapalhar ou até mesmo apagar o conhecimento tradicional e postergar a língua materna apenas às práticas de oralidade fora do ambiente escolar.

Para que isso de fato seja efetivado, foi solicitado pelos professores Xikrins a mudança de cargos que ora eram disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação - SEMED, pois os indígenas que atuam na escola eram vistos apenas como monitores, agora eles reivindicam serem professores de fato e de direito.

Os professores Xikrins atualmente lutam pela abrangência e emancipação do reconhecimento de uma educação escolar indígena, e um dos primeiros passos é a alfabetização da língua materna e elaboração de materiais didáticos para ensino/aprendizagem da língua Xikrin.

3.3. A Estrutura Escolar e de Gestão Xikrin

As aldeias pertencentes à etnia Xikrin, têm sua localização em alguns municípios do sudeste do Pará.

- Educação Escolar na Escola Moikô.

A escola Moikô está localizada na aldeia Djudjekô, atualmente os alunos indígenas são pertencentes a apenas a aldeia supracitada, mas em anos atrás recebíamos alunos de outras aldeias, como a Cateté e Pokrô, hoje as aldeias mais antigas - Cateté, Odjã e Pokrô - já tem escolas que atendem sua própria comunidade, essa conquista faz parte das nossas lutas diárias ainda perante a prefeitura de Parauapebas/PA, pois a cada tempo, mais aldeias vão sendo fundadas e precisam dos serviços essenciais para a sobrevivência nesses territórios, a educação é uma das nossas prioridades.

Dito isso, a escola Moikô com sua estrutura, conta com dois anexos (Figura 1), com salas de aulas, biblioteca, sala dos professores, sala de reunião, secretaria, diretoria e copa.

Figura 2 - Escola Moikô localizada na aldeia Djudjekô

Fonte: Arquivo do Autor (2022)

A gestão escolar da escola Moikô atualmente é feita pelo diretor e coordenador e nessa trajetória da gestão da escola, esses profissionais assumiram a posição de direção. Atualmente a escola conta com um diretor indígena, este representa três escolas no âmbito de escolas nas aldeias dos povos Xikrin, o diretor e o coordenação das escolas indígenas não permanecem diariamente nas escolas, mas ficam na cidade de Parauapebas/PA, atuando na secretaria municipal de educação, que tem um setor que trata apenas das escolas nas aldeias.

O atual diretor, ainda não possui o curso de pedagogia, mas está em formação, este alcançou o cargo pois é um indígena muito ativo nas causas indígenas, outro ponto importante é que ele consegue fazer a conexão entre a cultura indígena e a cultura *kubên* (brancos), é importante destacar que indígenas que falam bem a língua portuguesa, conseguem se destacar em cargos assim, por questão de diálogo e lutas e lugares de fala na sociedade, como uma ponte de informações à nossa comunidade.

Como braço direito tem-se o coordenador do setor indígena, formado em pedagogia, também obtendo as mesmas características do diretor, a articulação dele com

a língua portuguesa é um dos pontos positivos e a formação em nível superior dá o subsídio para ocupar o cargo.

Atualmente, a escola Moikô no seu dia a dia tem a figura de professores para a organização diária na escola, como organização das salas, impressões de atividades, realocação de salas quando necessário, e o meio de comunicação entre o diretor e coordenação na cidade de Parauapebas/PA.

4. O PERCURSO DA PESQUISA DE CAMPO

A abordagem que utilizamos para a presente pesquisa foi a qualitativa, e foi na escola Moikô que ocorreu a Pesquisa de campo para obtenção dos dados, os quais foram coletados nas visitas e pelas entrevistas semiestruturadas.

A pesquisa quantitativa tem como viés:

> A expressão "pesquisa qualitativa" assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (NEVES, 1996, p. 01).

Nesse sentido, o desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador. Esse corte define o campo e a dimensão em que o trabalho desenvolver-se-á, isto é, o território a ser mapeado. O trabalho de descrição tem caráter fundamental em um estudo qualitativo, pois é por meio dele que os dados são coletados (NEVES, 1996).

4.1. Os Instrumentos da Pesquisa

Os instrumentos de pesquisa são fundamentais para que o pesquisador levante dados iniciais e avalie o alcance das ações de intervenção realizadas. Entre os instrumentos utilizados mais comuns estão as observações, os questionários, as entrevistas (GIL, 1987).

No que tange ao instrumento de observação permite recuperar e registrar o aspecto exterior das ações e não sua intencionalidade. O primeiro passo da observação é escolher as ações a serem observadas em função do que se quer investigar e do tempo disponível. Em nosso caso realizamos algumas visitas a escola para realizarmos as observações pertinentes aos nossos objetivos.

A gestão da escola foi informada oralmente que estávamos elaborando um trabalho de pesquisa sobre a gestão das escolas indígenas e assim construímos os roteiros de entrevistas. Também solicitamos e fizemos registro da imagem da escola.

Assim dentre os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados nesse estudo, utilizamos a entrevista semiestruturada, pois tem-se em vista que o uso de entrevista na pesquisa em educação, conforme nos esclarece a pesquisadora Ana Cláudia Sacramento a entrevista é um instrumento de pesquisa que visa obter informações de interesse a uma investigação.

Gil (1987), também salienta que a entrevista é uma forma de diálogo em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. Para dar conta de tal situação foram considerados elementos essenciais ao desenrolar do estudo, sendo utilizados a observação do local, os questionários contendo as perguntas aos entrevistados, as entrevistas em lócus e a coleta de dados.

Para a pesquisa foram usadas entrevistas semiestruturadas para deixar os envolvidos mais à vontade para responder as questões, pois "a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa." (MANZINE, 1991.P. 154).

Para as entrevistas tivemos conforme já elucidado a participação de 3 sujeitos, 1 antigo gestor indígena que trabalhou durante os anos de 2015 a 2017 na gestão da escola Moikô; 1 professor não indígena que trabalha desde 2009 até 2022; um coordenador técnico da SEMED que atuou de 2020 a 2022.

4.2. Dados das Entrevistas: Resultados e Discussões

Nesta parte do estudo apresentamos os dados das entrevistas e a análise interpretativa das respostas fazendo uma relação com o referencial teórico estudado. Serão usados nomes fictícios aos entrevistados, sendo P1 ao primeiro entrevistado; P2 ao segundo entrevistado e P3 ao terceiro entrevistado. Destacando assim, o perfil de cada um deles e os dados coletados nas entrevistas.

O entrevistado "P1" é graduado em Licenciatura em Pedagogia, com atuação de 2 anos como coordenador técnico de apoio pedagógico da Secretaria Municipal de Educação, cursando pós-graduação, é formador indígena e faz formação continuada aos coordenadores pedagógicos das escolas indígenas.

Quadro 1 - Apresentação dos dados da entrevista com o Técnico de Apoio Pedagógico da SEMED de Parauapebas /PA

Os dados da Entrevista	A Análise e Discussão
Bem na Secretaria Municipal de Educação (SEMED), tem um Departamento onde trabalho como Técnico de Apoio Pedagógico faço acompanhamento da formação continuada e todos os processos da educação escolar indígena Xikrin e Warao. Papel este, que tempos atrás era desenvolvido por um servidor não-indígena. As escolas indígenas xikrin foram municipalizadas em 2003 e desde então é responsabilidade da gestão do município de Parauapebas todos os assuntos referentes à educação. Para gerir a Educação escolar Indígena, o município conta com o Setor de Educação Escolar Indígena-SEEI, que tem como papel, desenvolver estratégias pedagógicas e realizar formação continuada com os professores atuantes dentro do território Cateté. O setor de Educação Escolar Indígena Xikrin se localiza no município de Parauapebas, a 360 km das aldeias xikrin. O setor é formado por diretor, um secretário escolar, dois auxiliares administrativos e oito coordenadores divido por áreas de conhecimento. Esta equipe que	Há alguns pontos importantes a serem discutidos nessa primeira análise do entrevistado, a iniciar pelo papel desempenhado por ele na gestão escolar, como técnico de apoio pedagógico, essa função traz consigo muitas responsabilidades, como o auxílio aos professores, a organização escolar, documentação de alunos. De fato, uma das funções que são importantes para uma gestão escolar de qualidade, porém, ainda não dá de certa forma a autonomia de tomada de decisões no setor como um todo, tendo em vista que ainda depende de uma gestão não indígena no SEEI, para assuntos pertinentes as escolas no território Cateté. Pawlak (2016) já abordava que se faz necessário assegurar a plena participação das comunidades indígenas nas decisões relativas ao funcionamento das escolas indígenas, garantindo lhes a autonomia proclamada nas leis, porém, sem segregar e nem beneficiar alguns, e nas palavras do primeiro entrevistado apesar da autonomia em participar de um setor indígena, e ter a participação de outros indígenas, ainda é possível perceber o papel do indígena como auxiliar nas atividades pertinentes a educação de nossa comunidade.

desenvolve suas atividades no Setor cumpre uma agenda anual de assessoria pedagógica dentro do território indígena. A equipe de coordenadores pedagógicos é responsável por realizar formação com professores indígenas e não-indígenas. Hoje nós indígenas temos voz ativa dentro do município de Parauapebas, temos autonomia para liderar nossos processos educativos dentro da comunidade. Isso é importante pois sentimos que nossos direitos respeitados, apesar de termos uma grandes desafios pela frente. Dentre as principais dificuldades que o SEEI enfrenta atualmente, estão: o acompanhamento presencial do trabalho realizado pelos professores nas escolas do território, devido à distância e a dificuldade de acesso, principalmente de algumas aldeias recém-criadas; falta de logística para os coordenadores realizarem o seu trabalho. Com muita luta, hoje o SEEI conquistou o seu carro próprio para atender as demandas pedagógicas e administrativas da comunidade. Nosso trabalho em prol da educação do nosso povo é constante, nossa luta é para garantir uma educação de qualidade e para isso, sabemos que os desafios são grandes, uma vez que as nossas escolas não são reconhecidas como indígena, mas sim como escola da zona rural, outra luta é garantir formação específica para a educação indígena e material didático específico na língua xikrin.	Um outro ponto que não podemos deixar de mencionar, nessa análise e a discussão é o reconhecimento de escolas indígenas tituladas como de zona rural pela Secretaria de Educação, tendo em vista que é de conhecimento dela que as escolas são compostas exclusivamente de povos indígenas. Do ponto de vista da Autonomia, portanto, não significa omissão dos órgãos oficiais sobre a educação indígena; ao contrário, deve viabilizar condições para a implementação da proposta e deve expressar o acordo coletivamente firmado entre as diversas esferas do poder público e as escolas indígenas.

A seguir os dados e análise da entrevista com ex-diretor da escola Moikô. O entrevistado P2 é ex-diretor é formado em magistério indígena, está cursando o curso de licenciatura intercultural na Universidade Estadual do Pará. Começou na função no ano 2000 como professor e até hoje atua, porém no ano de 2020 a 2021 estava atuando como diretor local na escola em análise e atuava presencialmente nos processos pedagógicos.

Quadro 2 - Apresentação dos dados da entrevista com o ex-diretor da escola Moikô

Os dados da Entrevista	A Análise e Discussão
1). Como funcionava a gestão da escola Moikô Xikrin durante sua gestão? Acompanhando os processos pedagógicos junto com os professores na escola e auxiliando os professores durante as atividades da escola com os alunos. **2). Fale como é a interação entre professores indígenas e não indígenas na escola?** A Educação escolar indígena refere o processo de produção do conhecimento próprios indígenas do povo xikrin enquanto educação indígena de respeito ao processo de produção do conhecimento indígena e não indígena de respeitando a realidade do indígenas xikrin. **3). Qual o papel de cada um no processo de ensino e aprendizagem?** O papel do professor foi durante muito tempo transmitir um conhecimento completo e acabado aos alunos estes tipos de educação	Nessa segunda entrevista iniciamos perguntando sobre a gestão escolar na escola Moikô, de forma mais genérica, e a resposta inicial foi que na sua época como diretor ele direcionava suas atividades principalmente para o auxílio para com os professores nas atividades diárias da escola. Quando instigado sobre a interação entre professores indígenas e não-indígenas a resposta é a palavra respeito, o que é válido nesse processo, no entanto não há mais explanação. Uma outra explanação sobre o caso é a formação continuada que falta, e o entrevistado já deixa claro que a falta de materiais didáticos voltados para a língua materna. Outro ponto importante que o entrevistado destaca é a importância da educação bilíngue voltada para a escola indígena.

onde o conhecimento e recebido e não favorecido o pensamento. **4). Durante sua gestão quais foram as principais dificuldades dos professores indígenas durante as aulas?** Principais dificuldades dos professores indígenas nesse processo de transição educação indígena na escola Moikô xikrin na aldeia. **5). A falta de formação inicial ou continuada dos professores dificulta o trabalho? Como? Quais eram essas dificuldades?** Falta materiais didáticos na linguagem xikrin, formação continuada específica para os professores indígenas. **6). O que você considera importante mudar ou reformular na educação escolar indígena para ofertar uma educação de qualidade para os alunos?** a importância de se ter uma educação bilíngue com calendário e currículo escolar especificou diferenciado com formação para o educador indígena saber lidar com a questões educacional indígena do povo xikrin.	As discussões nesse processo acabam por ser norteadas pela falta de participação ativa na gestão, o que se nota é que no período as atividades desenvolvidas pelo gestor entrevistado ele é mais um auxiliador, tendo em vista que os professores que ministram aulas são todos não indígenas, a participação era mais que necessária e importante. Mas não se consegue identificar a participação ativa, e uma visão participativa do entrevistado é que deve permear nos sistemas e seus âmbitos pelos gestores escolares e pedagógicos, no qual a intenção é de minimizar as imposições vindas de forma vertical, e fortalecer ações conjuntas com as responsabilidades compartilhadas nas escolhas e decisões conforme (BAYER, 2020). A nossa argumentação é que as mudanças na gestão das escolas indígenas de nosso povo somente serão significativas quando acompanhadas de mudanças na concepção de realidade e de significado das ações e uma participação coletiva de todos.

Perfil do Entrevistado: O entrevistado P3, é formado em licenciatura plena em pedagogia, pós-graduado em docência do ensino superior e metodologia da Geografia e História, atua como professor há 15 anos, na aldeia Djudjeko especificamente na escola Moikô são 9 anos.

Quadro 3 - Apresentação dos dados da entrevista com Professor não-indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin.

Os dados da Entrevista	A Análise e Discussão
1). Fale um pouco sobre sua trajetória na educação escolar indígena? Minha trajetória na educação escolar indígena, sobretudo na escola Moikô Xikrin foi muito desafiadora, desde o momento em que escolhi deixar a cidade para atuar no interior da terra indígena do povo originário xikrin. Mas confesso também que foi muito gratificante poder contribuir de alguma forma na mediação de conhecimentos das crianças e jovens da comunidade. Ao mesmo tempo buscar alcançar o crescimento e o desenvolvimento da escola indígena. Tendo em vista que a gestão escolar na comunidade vem passando por uma transformação processual, a considerar a postura integracionista a sociedade envolvente, as mudanças no ensino e a tentativa de dar um significado novo como meio de assegurar uma educação específica, sem negar as especificidades éticas e culturais e o acesso ao conhecimento geral, dessa forma os	O terceiro entrevistado P3, como bem especificado, trabalha a mais 9 anos atuando como professor na aldeia Djudjekô, acredito que seja um dos depoimentos mais completos que tive nas entrevistas realizadas, a primeira parte da fala corrobora sobre o pertencimento à comunidade, e a transformação processual que a mesma passa para uma educação de qualidade para a comunidade. Um dos detalhes que destacamos é as peculiaridades da educação escolar indígena, na qual o professor entrevistado tem muita propriedade em falar e o entendimento que tem sobre a educação escolar indígena que diz de forma correta que precisa ser diferenciada e que as metodologias são diferentes, como períodos de festas e tempo de caça e colheitas. Na sua fala foi possível ver que convive no território onde a pesquisa foi realizada.

grandes desafios para a atuação foram bastante diversos bem como o entendimento da língua xikrin e seus significados na maneira de se expressar, os costumes tradicionais, a cultura e o conhecimento das diferentes áreas de atuação do gestor. Neste sentindo tentar fazer um trabalho em que a comunidade pudesse participar de forma democrática, buscando a qualidade de ensino. No entanto ao se tratar do corpo docente da escola os professores indígenas possuem formação de ensino médio cursando e ou concluindo e alguns cursando o ensino superior. Já os docentes não indígenas são licenciados nas áreas específicas e atuam em sala de aula juntamente com os professores indígenas, a atuação concomitante em sala de aula de professores indígenas e não indígenas tem como finalidade ajudar a prover uma educação bilíngue e adequada as peculiaridades do povo Xikrin, no entanto, existe um descontentamento neste sentido, pois a educação escolar ainda é considerada uma imposição de valores e normas culturais da sociedade ocidental. Tendo em vista a falta de materiais didático pedagógico e um currículo específico à comunidade, também um outro desafio está ligado a formação continuada aos professores que atuam na escola indígena, pois não recebem capacitação específica. Isto porque não há apoio e incentivo do governo. Isso fica a cargo da escola em buscar atuar com metodologias de ensino aprendizagem que garantam as verdadeiras ações educacionais aos discentes da comunidade. Sendo que, os conteúdos a serem ministrados são os mesmos trabalhados nas cidades, com materiais, livros didáticos específicos da sociedade envolvente, diante disso, a prática da gestão torna-se mais desafiadora, pois se encontram em face de uma realidade que requer acima de tudo	O mesmo fala sobre a participação da família que até pode acontecer nas escolas indígenas, mas não de forma mais abrangente no processo de gestão escolar, pois se houvesse mais participação era possível ver mais lutas voltadas para o fortalecimento da educação indígena de qualidade e logo uma gestão escolar forte e com participação de mais lideranças e das comunidades indígenas.

uma educação de qualidade, que respeite e fortaleça seus costumes, línguas e processos próprios de aprendizagens. Em contrapartida precisa seguir as imposições do sistema na maneira de trabalhar com a clientela indígena, com a ideia de integrar o indígena a sociedade e torna-lo um "cidadão" preparado para a vida e assim, tendo mais acesso a assimilação de códigos dos não indígenas, por isso, a gestão escolar com metas de um ensino específico e diferenciado sem deixar de agregar os conhecimentos multiculturais se torna um grande desfio ao gestor, sobretudo quando não há boa vontade e parceria da sociedade envolvente em reconhecer e respeitar os direitos indígena, o processo de gestão ainda prevalece com atuação de professores não indígenas, sendo que em muitos casos, com experiências trazidas da cultura ocidental

2). Quais os maiores desafios encontrados por você como professor não-indígena atuando em uma comunidade indígena?

Os maiores desafios são em detrimento de atuar em uma comunidade tradicional, com a língua materna indígena fluente, costumes e tradição arraigada. Dessa maneira a comunicação em língua portuguesa se torna mais restrita, principalmente com palavras mais complexas do nosso vocabulário. Por outro lado, há falta de materiais didáticos específicos e diferenciados para atender a diversidade sociocultural.

3). Durante o período em que foi gestor quais as principais experiências e dificuldades enfrentadas? As principais experiências foram acima de tudo poder atuar numa educação escolar em comunidade tradicional que ainda mantém uma cultura forte nas suas tradições, língua e organização social. Também o repasse de conhecimento através das artes, da ciência, dos rituais e eventos culturais que a comunidade promove tem sido uma

experiência riquíssima de fortalecimento dos saberes. Já as dificuldades encontradas são bastante, destacando algumas como a falta de regularização da escola para se ter autonomia, pois ela está atrelada a uma gestão que funciona num departamento com prédio na cidade, com secretaria e documentação dos servidores e alunos, coordenação pedagógica, isso separado da escola da aldeia, tornando o processo mais moroso; a falta de ter um calendário mais específico adaptado a especificidade da comunidade Xikrin; baixa valorização e capacitação, por parte do Sistema, aos professores indígenas e não indígena que atuam na escola local; forma de avaliação aos alunos indígenas, pois os mesmos não possuem uma coerência nos horários de permanência na sala de aula. Nem tampouco regularidade na frequência escolar, em detrimento de vários fatores referentes aos costumes das famílias. Dentre eles a saída para as cidades ou para os acampamentos com realização de caça coletiva ou pesca e coleta, isso ocorre por épocas e há a ausência dos alunos em sala de aula. No entanto, depois retornam para a escola.

4). Como você analisa a Gestão Escolar não-Indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos Povos Xikrin? Um ponto muito importante a respeito da gestão não indígena é a perspectiva na melhoria da qualidade de ensino na escola, para que o aluno possa ter um aprendizado suficiente para aprender os ensinamentos da cultura ocidental ao mesmo tempo valorizar sua cultura e linguagem. Porém, as vezes o que é proposto pelo não indígena, não necessariamente é o que o sujeito necessita saber, porque ele enquanto indígena é o responsável por querer um ensino nas suas modalidades, de acordo com os seus costumes. Então o gestor não indígena necessita muito cuidado em não ferir esses valores educacionais, sobretudo os repassados pelos mais velhos da comunidade. E dessa forma tentar proporcionar uma educação escolar pautada na cultura indígena, juntamente com a cultura da sociedade envolvente

5). Para você quais as principais dificuldades de não haver a participação de gestores indígenas na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos Povos Xikrin?

As principais dificuldades são pelo fato de a educação estar mais voltada aos conhecimentos, normas, métodos e currículo da escola não indígena.

Todavia sendo gerida pelo próprio indígena, assegura uma gestão de acordo com os anseios da comunidade local.

6). Quais as etapas do ensino básico em que ministra aulas e em quais disciplinas?

As aulas são ministradas aos ciclos finais, ou seja do sexto ao nono ano do ensino fundamental. Ministrando as disciplinas de Geografia e História.

7). Fale um pouco sobre a sua rotina na escola e sobre o processo de ensino aprendizagem em sala de aula.

Destacamos algumas tarefas que são realizadas no dia a dia escolar como a chegada das crianças de forma voluntária, muitas vezes alguns menores chegam para estudar sem ter feito a refeição da manhã. Isso porque a família ainda não se preparou para o dia, não acendeu o fogo para fazer o lanche. Já as aulas ocorrem normalmente, mas assim que a merenda é servida, algumas crianças já querem fazer outra atividade fora da sala de aula. Nisso cabe ao professor ter uma estratégia para que a criança aproveite a aula, então é realizada atividade extraclasse na quadra ou nos arredores da escola.

A preparação para as aulas da escola é feita de acordo com os materiais didáticos da zona urbana, sendo que o professor tenta adaptar de acordo com a realidade local, e chegar aos objetivos que se pretendem alcançar.

Nota-se um grande esforço por parte de alguns professores em proporcionar uma educação pautada na mediação dos assuntos ligados a sociedade envolvente e da cultura indígena Xikrin, sendo realizado da seguinte forma:

Os docentes se reúnem na escola para elaborar os planejamentos semanais, procurando adaptar os conteúdos da rotina recebida da zona urbana, seleciona aquilo que no momento é mais relevante à aplicação da aula. Embora “quebre as regras” dos instrumentos avaliativos dos pareceres (fichas de notas) e diários de classe.

Contudo, o professor precisa elaborar estratégias para trabalhar com seus alunos sem prejudicá-los, mas avalia-los quanto ao conhecimento de mundo e de seus valores étnicos.

Dessa forma as aulas das séries iniciais são realizadas com os professores indígenas, que falam somente na língua indígena Xikrin, porém escrevem na língua portuguesa.

Convém ressaltar que essa forma metodológica precisa de um estudo mais profícuo, tendo em vista que as crianças misturam as linguagens, as escritas e a verbalização, ou seja, são orientadas pelo professor que fala a sua própria língua, mas não grafam as palavras de forma correta. Por outro lado, esses professores indígenas não possuem formação específica para exercer o trabalho com mais dinamismo. Então, cada um esforça-se à sua maneira, com os conhecimentos tradicionais, entremeando-se aos modernos para aplicar sua aula. E ainda atender as exigências da sociedade em vigor. Mas nota-se uma relação entre professor /aluno de muito respeito e afeto, as crianças apresentam bom comportamento, respondem as questões das situações problemas, interagem umas com as outras e são muito criativas. No entanto, não conseguem permanecer por várias horas em sala de aula. Gostam de ficar a natureza, tomar banho ao rio, participar das brincadeiras da aldeia e em companhia de suas famílias. As séries finais são ministradas por professores não indígenas nas respectivas áreas de conhecimento, mas as aulas acontecem com a intervenção de um professor indígena, chamado de *"interprete"* que traduz através da oralidade os conteúdos na língua Xikrin. Todavia, esse educador indígena ainda não possui curso superior e nem tampouco, formação específica para atuar na área. Muitas vezes, encontram-se dificuldades na elaboração das aulas planejadas concomitantes com o professor não indígena, pois o assunto precisa ser ministrado em português e na língua Xikrin. Isso requer dos educadores uma postura investigativa, desafiadora e cautelosa para apenas não "repassar" conteúdo sem perceber as reais necessidades de o aluno aprender e interpretar as ideias, mas valorizar os conhecimentos desse discente, na forma como age, se comporta e resolve situações pertinentes ao seu cotidiano e problemas.	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa constatou que o processo de gestão escolar que fora garantido e homologado nas regulamentações institucionais não ocorre de forma ampla na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin, onde realizamos a pesquisa. Inferimos que ainda está em processo de construção uma participação ativa na gestão da referida escola, tanto dos professores indígenas, como dos alunos e seus familiares.

O pressuposto da educação que prevê a articulação entre a teoria e a prática contextualizada, não se efetiva na escola de maneira integral. Desde o acesso dos gestores das escolas indígenas que acontece ainda na forma de indicações pela secretaria municipal de educação, não difere da sociedade externa, que são como cargos e funções apadrinhados politicamente.

O que se constatamos e podemos pontuar é que a gestão escolar na escola Moiko, sempre teve indígenas envolvidos no auxílio na organização escolar, mas não de uma maneira ativa para articular propostas e está ativamente no processo democrático levando em consideração nossas tradições e culturas, nossos quereres e saberes.

A importância desse trabalho é entendermos que a ação democrática participativa nas escolas indígenas é uma formação humana dos sujeitos que necessitam saber para participar da gestão escolar indígena, de forma que o direito a educação seja garantido para a especificidade dos territórios indígenas.

Sabemos, porém que essa trajetória ainda é longa, pois as escolas indígenas, especialmente a escola Moikô, não são reconhecidas atualmente como escolas indígenas de fato, do que dependemos ainda de materiais didáticos fornecidos pela Secretaria de educação. Um exemplo é que na escola o conteúdo ministrado é o mesmo ministrado nas escolas regulares na cidade é não tem uma ligação direta com o que é vivido na realidade em nossas comunidades.

Um ponto importante é que destacamos aqui é a participação ativa de indígenas nas ações de gestão escolar da escola em questão, eles ajudam em tudo que podem, entretanto, para assumir de forma legal e pedagógica, ainda há a impossibilidade, pois o número de indígenas com formação superior na área da gestão escolar ainda é pequeno. Muitos ainda estão encerrando seus estudos no âmbito do ensino médio.

O que proponho como futuro pedagogo é o incentivo a formação do nosso povo para que tomemos os lugares de fala e partícipe das práticas pedagógicas da escola, essa

é uma das possibilidades dos nossos direitos não se tornarem apenas representativo é além da necessidade urgente da formação dos gestores pedagógicos e diretores em nossas comunidades.

Ao encerrar momentaneamente esse estudo dizemos que na realidade indígena a mediação entre as ações de gestão pedagógica e gestão administrativa deveriam ser propostas por aqueles que estão envolvidos diretamente, neste caso: alunos, professores, familiares e equipe de gestão escolar.

REFERÊNCIAS

Bayer, M. F., Florentino, O. P. M., & Orzechowski, S. T. (2020). **Educação escolar indígena: o processo de gestão como forma de organização e respeito aos conhecimentos**. *Revista Espacialidades*, *16*(01), 38-64.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília**, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** 9394/1996.

COSTA, Lucivaldo Silva da. 2015. **Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-jê)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília: Brasília.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7letras, 2009.

Fornet Betancourt, R. (2021). **Interculturalidade, migração e educação no mundo contemporâneo**. ETD - Educação Temática Digital, 23(3), 581–591. Disponível em: https://doi.org/10.20396/etd.v23i3.8664068

LIBÂNEO, José Carlos. **O sistema de organização e gestão da escola**. LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da Escola-teoria e prática. 4ª ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (Org.). **Temas da Pedagogia**: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Práticas de organização e gestão da escola**: objetivos e formas de funcionamento a serviço da aprendizagem de professores e alunos. Secretaria Municipal de Educação de Cascavel–PR, 2015.

KAYAPÓ, E.; BRITO, T. **A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?** Mneme - Revista de Humanidades, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 38–68, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445. Acesso em 7 nov. 2022.

Kunrath, Z. B. & Cecchetti, E. (2021). **Educação intercultural crítica e suas potencialidades para outra gestão escolar**. ETD - Educação Temática Digital, 23(3), 658–676. https://doi.org/10.20396/etd.v23i3.8664215

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). **Territórios contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Rio de Janeiro, Vozes, 1995, p. 84-11.

Neves, J. L. (1996). **Pesquisa qualitativa**: características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisas em administração, São Paulo.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **A construção multicultural da igualdade e da diferença**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais. Oficina do CES n. 135, jan. 1999.

VILLA VERDE, Rodrigo Braga da Rocha Povos indígenas de carajás: conflito que vale ouro e sangue no município de Parauapebas (Pa). Projeto AQUARIOS-CETEM disponível em: file:///E:/bibliografia/POVOS%20IND%C3%8DGENAS%20DE%20CARAJ%C3%81S%20CONFLITO%20QUE%20VALE%20OURO%20E%20SANGUE.pdf, acesso em 17 de jul. de 2017.

https://pib.socioambiental.org/pt/povo/xikrin-mebengokre/1637. Acesso em 15 junho de 2017.

https://pib.socioambiental.org/pt/povo/xikrin-mebengokre/1630 acesso em 23 de julho de 2022.

APÊNDICE A – Roteiros de entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Roteiro de Entrevista 01

Técnico de Apoio Pedagógico da SEMED de Parauapebas /PA

Título do TCC: GESTÃO ESCOLAR NÃO-INDÍGENA NA ESCOLA DE ENSINO BÁSICO DA ALDEIA DJUDJEKÔ DOS POVOS XIKRIN

O presente roteiro, é fruto da disciplina de TCC II, que é requisito obrigatório para a obtenção do diploma de graduação. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é do aluno Bebyry Xikrin orientado pela professora Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa. As respostas coletadas serão usadas como dados da pesquisa. Não irá acarretar prejuízo físico ou moral para aquelas/aqueles que se dispuserem a responder, além de preservarmos o anonimato dos entrevistados (as). Desde já agradecemos a sua participação.

Perfil do Entrevistado: a) Qual a sua formação? Possui algum curso de Pós-graduação, em caso positivo cite em que área?

b) Há quanto atua na função?

c)Tem realizado cursos de formação continuada? Em caso positivo, cite quais?

Questões

1. Quais são as suas principais funções?

2. Como se dá o processo de gestão das escolas indígenas dentro da secretaria municipal de educação de Parauapebas/PA

3.Quais são as maiores dificuldades quando se trata de garantia de recursos e direitos a umaeducação de qualidade aos indígenas dentro do território?

4.Quando a escola lócus a pesquisa foi municipalizada?

5. Como você analisa a Gestão Escolar não-Indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos Povos Xikrin desde que assumiu a função na SEMED?

6. A que se justifica a não participação de gestores indígenas na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos Povos Xikrin?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Roteiro de Entrevista 02

Ex-Diretor da escola de ensino básico Moikô Xikrin

Título do TCC: GESTÃO ESCOLAR NÃO-INDÍGENA NA ESCOLA DE ENSINO BÁSICO DA ALDEIA DJUDJEKÔ DOS POVOS XIKRIN

O presente roteiro, é fruto da disciplina de TCC II, que é requisito obrigatório para a obtenção do diploma de graduação. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é do aluno Bebyry Xikrin orientado pela professora Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa. As respostas coletadas serão usadas como dados da pesquisa. Não irá acarretar prejuízo físico ou moral para aquelas/aqueles que se dispuserem a responder, além de preservarmos o anonimato dos entrevistados (as). Desde já agradecemos a sua participação.

Perfil do Entrevistado: a) Qual a sua formação? Possui algum curso de Pós-graduação, em caso positivo cite em que área?
b) Há quanto atuou na função?
c) Tem realizado cursos de formação continuada? Em caso positivo, cite quais?

Questões

1. Como funcionava a gestão da escola Moikô Xikrin durante sua gestão?
2. Fale com é a interação entre professores indígenas e não indígenasna escola
3. Qual o papel de cada um no processo de ensino e aprendizagem?
4. Durante sua gestão quais foram as principais dificudaldes dos professores indígenas durante as aulas?
5. A falta de formação inicial ou continuada dos professores dificulta o trabalho? Como? Quais eram essas dificuldades?

6. O que você considera importante mudar ou reformular na educaçãoescolar indígena para ofertar uma educação de qualidade para os alunos?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Roteiro de Entrevista 03

Professor não-indígena na escola de ensino básico da aldeia DJUDJEKÔ dos povos XIKRIN

Título do TCC: GESTÃO ESCOLAR NÃO-INDÍGENA NA ESCOLA DE ENSINO BÁSICO DA ALDEIA DJUDJEKÔ DOS POVOS XIKRIN

O presente roteiro, é fruto da disciplina de TCC II, que é requisito obrigatório para a obtenção do diploma de graduação. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é do aluno Bebyry Xikrin orientado pela professora Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa. As respostas coletadas serão usadas como dados da pesquisa. Não irá acarretar prejuízo físico ou moral para aquelas/aqueles que se dispuserem a responder, além de preservarmos o anonimato dos entrevistados (as). Desde já agradecemos a sua participação.

Perfil do Entrevistado: a) Qual a sua formação? Possui algum curso de Pós-graduação, em caso positivo cite em que área?
b) Há quanto atua na função de professor?
c) Tem realizado cursos de formação continuada? Em caso positivo, cite quais?

Questões

1 Fale um pouco sobre sua trajetória na educação escolar indígena?

2 Quais os maiores desafios encontrados por você como professor não-indígena atuando em uma comunidade indígena?

3 Durante o período em que foi gestor quais as principais experiências e dificuldades enfrentadas?

4 Como você analisa a Gestão Escolar não-Indígena na escola de ensino básico

da aldeia Djudjekô dos Povos Xikrin?

5 Para você quais as principais dificuldades de não haver a participação de gestores indígenas na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos Povos Xikrin?

6 Quais as etapas do ensino básico em que ministra aulas e em quais disciplinas?

7 Fale um pouco sobre a sua rotina na escola e sobre o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

---

[i] Ngà significa: *casa do guerreiro*.

APÊNDICE B – Termos de Consentimento

UNIFESSPA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de uma entrevista que faz parte dos procedimentos metodológicos do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Bebyry Xikrin, matrícula 201840207076, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, sob a orientação da professora Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa. Sua participação consistirá em conceder uma entrevista respondendo às perguntas através de um roteiro previamente elaborado, no local e horário que você determinar. As informações serão gravadas para garantir uma maior fidelidade em seu registro. Você poderá receber esclarecimentos, durante e após a finalização do processo. O estudo é sobre a Gestão escolar não-indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin, e busca compreender a Gestão Escolar não-Indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin, tendo em vista a falta de uma gestão participativa de indígenas na gestão escolar local. Informamos ainda que será mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão de informações que permitam identificá-lo.

Eu, Mauro Ribeiro dos Santos, fui informado dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

Marabá-PA, 16 de outubro de 2022.

Assinatura do entrevistado

Mauro Ribeiro dos Santos

Professor não-indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin

Scanned with CamScanner

UNIFESSPA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de uma entrevista que faz parte dos procedimentos metodológicos do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Bebyry Xikrin, matrícula 201840207076, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, sob a orientação da professora Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa. Sua participação consistirá em conceder uma entrevista respondendo às perguntas através de um roteiro previamente elaborado, no local e horário que você determinar. As informações serão gravadas para garantir uma maior fidelidade em seu registro. Você poderá receber esclarecimentos, durante e após a finalização do processo. O estudo é sobre a Gestão escolar não-indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin, e busca compreender a Gestão Escolar não-Indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin, tendo em vista a falta de uma gestão participativa de indígenas na gestão escolar local. Informamos ainda que será mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão de informações que permitam identificá-lo.

Eu, Bemoro Xikrin, fui informado dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

Marabá-PA, 16 de outubro de 2022.

Assinatura do entrevistado

Bemoro Xikrin

Ex-Diretor da escola de ensino básico Moikô Xikrin

Scanned with CamScanner

UNIFESSPA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar de uma entrevista que faz parte dos procedimentos metodológicos do Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Bebyry Xikrin, matrícula 201840207076, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, sob a orientação da professora Ma. Vanja Elizabeth Sousa Costa. Sua participação consistirá em conceder uma entrevista respondendo às perguntas através de um roteiro previamente elaborado, no local e horário que você determinar. As informações serão gravadas para garantir uma maior fidelidade em seu registro. Você poderá receber esclarecimentos, durante e após a finalização do processo. O estudo é sobre a Gestão escolar não-indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin, e busca compreender a Gestão Escolar não-Indígena na escola de ensino básico da aldeia Djudjekô dos povos Xikrin, tendo em vista a falta de uma gestão participativa de indígenas na gestão escolar local. Informamos ainda que será mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão de informações que permitam identificá-lo.

Eu, Kutep tí Xikrin, fui informado dos objetivos desta entrevista de maneira clara e declaro que concordo participar.

Marabá-PA, 25 de outubro de 2022.

Assinatura do entrevistado

Kutep tí Xikrin

Técnico de Apoio Pedagógico da SEMED de Parauapebas /PA

Scanned with CamScanner